

APARÊNCIA E REALIDADE EM ‘MARIANA’ (1871), DE MACHADO DE ASSIS

Angiuli Copetti de Aguiar

Mestre em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) Santa Maria, RS, Brasil

RESUMO: O conto ‘Mariana’ (1871) de Machado de Assis, embora não sendo explicitamente abolicionista, não obstante tece uma aguda crítica à sociedade escravocrata brasileira do século XIX. A crítica de Machado, em um primeiro momento, dirige-se ao tratamento que Coutinho, protagonista, confere à escrava Mariana, a qual tem por ele um amor não correspondido. No entanto, uma leitura mais aprofundada do conto revela uma exploração dos mecanismos menos evidentes através dos quais o racismo de Coutinho (e de sua família) age para assegurar a complacência inconsciente de Mariana à sua condição. Entre eles destaca-se a encenação de uma aparência de benevolência dirigida aos escravos da família, em contraste com a realidade trágica de sua condição. Assim, desejamos analisar em nosso artigo a relação entre aparência e realidade no conto, em especial como esses são operados por Coutinho e sua família a fim de perpetuar o *status quo*. Procedemos através de uma análise temática, explorando nos diversos níveis narrativos como relacionam-se os temas da aparência e da realidade, e da análise das personagens centrais, Mariana e Coutinho, especialmente das relações (de amor e escravidão) estabelecidas entre ambos. Concluímos observando que a dicotomia aparência/realidade possui um papel central na tragédia de Mariana, seu sofrimento pelo amor impossível e derradeiro suicídio. Mariana encontra-se dividida entre esses opostos: é tratada como membro da família que a possui ao mesmo tempo em que é instada a nunca esquecer seu lugar subalterno. Mariana, portanto, vive uma situação paradoxal, para a qual vê como única saída o suicídio.

PALAVRAS-CHAVE: Conto. Crítica Social. Escravidão.

ABSTRACT: Machado de Assis’s short story ‘Mariana’ (1871), though not explicitly abolitionist, nevertheless weaves a sharp social critique of the nineteenth-century Brazilian slave-owning society. Machado’s criticism is at first directed at Coutinho’s (the protagonist) treatment of the slave Mariana, who holds for him an unrequited love. However, a deeper reading of the story reveals an exploration of the less evident mechanisms through which Coutinho’s racism, and his family’s, acts in order to secure Mariana’s unconscious complacency toward her condition. Among them stands out the staging of an appearance of benevolence directed toward the family’s slaves in contrast to their tragic reality. Thus, we intended to analyze in our essay the relationship between appearance and reality in the story, especially how these are operated by Coutinho and his family in order to perpetuate the *status quo*. We proceeded with a thematic analysis, exploring through the various narrative levels how the themes of appearance and reality relate to each other, and with an analysis of the main characters, Mariana and Coutinho, particularly of the relationships (of love and slavery) established between them. We concluded by observing that the dichotomy appearance/reality plays a central role in the tragedy of Mariana, her suffering and suicide. Mariana finds herself divided between these opposites: she is treated like a member of the family that owns her, at the same time that she is urged never to forget her subordinate place. Mariana therefore, lives a paradoxical situation, to which the only way out she sees is suicide.

KEY-WORDS: Short Story. Social Criticism. Slavery

INTRODUÇÃO

O conto ‘Mariana’, de Machado de Assis, foi publicado pela primeira vez em 1871, o mesmo ano em que entrou em vigência a Lei do Ventre Livre, segundo a qual era, a partir daquele ano, concedida alforria às crianças nascidas de mulheres escravas no Brasil. Salvo a data e algumas alusões às ‘mudanças’ (mais arquitetônicas que sociais) pelas quais passou o Rio de Janeiro, nenhuma relação concreta se pode estabelecer entre o conto de Machado e a lei promulgada alguns meses após sua publicação. No entanto, o conto ‘Mariana’ encontra-se profundamente arraigado em seu contexto socio-histórico e em diálogo com as discussões da causa abolicionista. Nele, Machado tece não apenas uma aguda crítica ao sistema escravocrata brasileiro como também à retórica hipócrita de certo idealismo romântico pseudo-abolicionista. É nessa esteira, portanto, que desejamos analisar o conto de Machado: a relação entre a realidade da condição dos escravos, sintetizada na figura de Mariana, e o descaso das classes abastadas pela realidade social que perpetuam, contentando-se, por outro lado, com a frágil aparência de humanitarismo que dispensam aos escravos, a qual, antes de proporcionar real mudança, torna mais cruel sua situação, pois, como ocorre com Mariana, é-se esperado que o escravo suporte seu fardo com gratidão.

SINOPSE

A trama central do conto é a história do amor não-correspondido que Mariana, uma escrava mulata, sentiu por seu senhor, Coutinho, o qual, quinze anos após o ocorrido, relata a história a Macedo, o narrador do conto. Há, de fato, duas narrativas: uma no presente, narrada por Macedo, que conta de sua volta da Europa ao Brasil e seu reencontro com velhos amigos, e a narração de Coutinho, que relata a tragédia de Mariana. A narrativa de Macedo serve duas funções: como moldura ela contextualiza o relato de Coutinho dentro da narrativa e do contexto histórico-social; já como ponto de contraste, ela põe em oposição, através de subversão irônica, o presente e o passado, o *pathos* do suicídio de Mariana e a leviandade com que o grupo de homens ouvindo a história, e seu próprio narrador, logo a esquece.

O conto abre com Macedo declarando que voltava agora da Europa após uma ausência de 15 anos. Ele conta como encontrou muita coisa mudada: amigos haviam morrido, casado,

enviuvado; alguns tornaram-se homens públicos. Todos desiludidos e cansados; apenas ele permanecia ‘moço’. Fica espantado com as mudanças do Rio de Janeiro, mas apenas nota as mudanças estruturais da cidade, seus novos prédios, hotéis, jardins, etc. Macedo encontra-se com Coutinho, velho amigo, e vão então almoçar, junto com mais dois amigos, todos abastados. Durante o almoço, contam do que se passou em suas vidas: Macedo fala de suas viagens; Coutinho, do caso de Mariana, que se apaixonara por ele e que, por ser-lhe interdito esse amor, acaba por se suicidar.

Mariana, conta Coutinho, era uma escrava mulata que fora criada quase como filha da casa; era gentil, inteligente e bela. Recebeu boa educação, aprendeu francês e a coser, e todos gostavam dela. À mesma época que Coutinho noiva de sua prima, Amélia, Mariana apaixonou-se por ele e, por ter consciência da impossibilidade do seu amor, e por Coutinho achar-se noivo, cai em profunda tristeza. Coutinho, vendo-a assim, tanto interroga-a que ela confessa andar triste devido a um amor impossível. Josefa, irmã do protagonista, supõe então que ela estaria apaixonada por ele, o que Coutinho declara uma insolência. Próximo ao casamento, Mariana adocece, mas volta a ficar bem a mando de Coutinho. Pouco depois, foge da casa. Coutinho encontra-a perto da casa da noiva, e ela termina por confessar que era ele quem ela amava. Amélia, por ouvir de Coutinho o relato desse evento (e por ele se mostrar tão interessado nele), começa a ter ciúmes e a destratar Mariana, para o espanto de todos.

Quatro dias antes do casamento, Mariana foge novamente. Coutinho vai atrás dela (para o transtorno de Amélia) mas não a encontra. No dia seguinte encontra-a num hotel e tenta levá-la para casa a força. Ela, não podendo aguentar viver amando-o sem tê-lo, nem voltar a ser cativa, suicida-se, tomando veneno. Amélia, então, por ciúmes, rompe o noivado. Aqui finda o relato de Coutinho, e o conto termina com os quatro amigos indo para a Rua do Ouvidor examinar “os pés das damas que desciam dos carros” (ASSIS, 1994, p. 783).

APARÊNCIA E REALIDADE

A narração de Macedo, que abre o conto, apresenta de forma direta a temática que desejamos explorar, isto é, a discrepância entre aparência e realidade como marca da desconexão e descaso das classes abastadas com a realidade social, especialmente em relação à população escrava. Macedo inicia sua narrativa dizendo-nos que voltara da Europa após quinze anos de viagem, e que encontrara muita coisa mudada em seus amigos e no Rio de

Janeiro. Sobre seus amigos, que casaram, enviuvaram, entraram na esfera pública, “pesavam quinze anos de desilusões e cansaço” (Ibid., p. 771). Macedo, por outro lado, que se ausentara da vida social e pública do Brasil por quinze anos, “vinha tão moço como fora” (Ibid., p. 771), não em idade, como diz, mas no coração. O segredo para tal conservação, ele próprio o revela, consiste em sua atenção seletiva, que se demora sobre as aparências belas e ignora a realidade fatural que a subjaz: “Não há decepções possíveis para um viajante, que apenas vê de passagem o lado belo da natureza humana e não ganha tempo de conhecer-lhe o lado feio” (Ibid., p. 771).

Essa filosofia de vida Macedo carrega consigo para o Rio de Janeiro, o qual achou mudado, “e mudado para melhor” (Ibid., p. 771). Mas a mudança que Macedo nota nada tem a ver a realidade social da cidade, nada que diga respeito a qualquer mudança na condição dos escravos, potencial fruto do movimento emancipacionista que teve início uma década antes. O que nota é a mudança arquitetural da cidade: “O jardim do Rocio, o *boulevard* Carceller, cinco ou seis hotéis novos, novos prédios, grande movimento comercial e popular, tudo isso fez em meu espírito uma agradável impressão” (Ibid., p. 771). Dessa asserção, tornada irônica pelo contexto da narrativa e do momento da publicação do conto, podemos interpretar duas críticas, ambas corroboradas pelo texto: ou Macedo, como representante da sua classe, pouco caso faz das mudanças sociais que começam a vigorar no momento em que retorna ao Brasil, preferindo ater-se às aparências agradáveis da cidade, ou as mudanças promovidas pelo movimento abolicionista nada efetivaram de fato, permanecendo apenas ‘aparência’ de progresso humano e retórica vazia (algo que se verá em Coutinho).

Ainda outros dois momentos na narração de Macedo evidenciam esse par temático. No primeiro, ao comentar acerca do hotel em que se hospeda, Macedo diz-nos que em sua frente há uma casa de modas e um escritório de jornal, e que “a casa de modas faz mais negócio que o jornal. Não admira; poucos lêem, mas todos se vestem” (Ibid., p. 771). Segundo sua constatação, portanto, a sociedade brasileira é caracterizada por um maior número daqueles que tratam de trajar uma boa aparência às vistas da sociedade do que daqueles que buscam conhecer o que transcorre nela. No segundo momento, ao encontrarem-se para um almoço, Macedo e seus amigos põem-se a relatar o que ocorreu em suas vidas durante os quinze anos passados. Macedo conta de sua viagem, todas as belas cidades e paisagens pelas quais passou. Um amigo, o negociante “tudo quanto sofrera antes de alcançar a posição atual. Deu-me notícia de que estava casado, e tinha uma filha de dez anos no colégio” (Ibid., p. 772). Por outro lado, “O escrivão achou-se um tanto envergonhado quando lhe tocou a vez de dizer a sua vida; todos nós

tivemos a delicadeza de não insistir nesse ponto” (Ibid., p. 772). Podemos perceber, portanto, que entre esse grupo de amigos, narra-se o que há de belo na vida e cala-se quanto ao feio.

A história que Coutinho narra ao grupo é, ao contrário, verdadeiramente trágica. É-o, porém, se a entendermos como o relato da morte de Mariana. Para Coutinho, no entanto, ela é a respeito de seu amor por ele, ele é o centro da narrativa, pois para ele Mariana é apenas a mulher que mais o amou na vida: “Antes e depois amei e fui amado muitas vezes; mas nem depois nem antes, e por nenhuma mulher fui amado jamais como fui [...] por uma cria da casa [Mariana]” (Ibid., p. 773). Para Coutinho, portanto, a sua não é uma história de amor, mas de ‘ser amado’; o que permanece é a aparência agradável da vaidade alimentada por aquele amor não correspondido, não a realidade do trágico desfecho que ocasionou.

Coutinho, em sua relação com Mariana, encarna como nenhum outro personagem a discrepância entre aparência e realidade, evidenciando, em suas ações, a lacuna que há entre seu (e de sua família) discurso humanista para com os escravos e a desumanidade de seus valores em prática. Isso fica aparente logo no início de seu relato, ao descrever Mariana como:

uma gentil mulatinha nascida e criada como filha da casa, e recebendo de minha mãe os mesmos afagos que ela dispensava às outras filhas. Não se sentava à mesa, nem vinha à sala em ocasião de visitas, eis a diferença; no mais era como se fosse pessoa livre, e até minhas irmãs tinham certa afeição fraternal. Mariana possuía a inteligência da sua situação, e não abusava dos cuidados com que era tratada. Compreendia bem que na situação em que se achava só lhe restava pagar com muito reconhecimento a bondade de sua senhora (Ibid., p. 773).

Mariana era para Coutinho “como filha da casa”, “como pessoa livre”, um ‘quase’ que faz mais acentuar a divisão entre senhor e escrava. Ela é especialmente descrita como “gentil” e como possuindo “a inteligência da sua situação”, isto é, ela conhecia o lugar que, como escrava, deveria ocupar e os limites de convívio social os quais não deveria ultrapassar. Mariana é gentil pois aparenta compreender seu espaço e aceitá-lo passivamente, até mesmo com gratidão, e é tão bem considerada por Coutinho pois permite à família encenar a si mesmo a aparência de um gesto humanitário em seu tratamento ‘bondoso’ para com ela, o que dispensa reconhecerem a realidade de sua condição como escrava (condição a qual Coutinho a faz recordar, sem consciência da contradição dos tratamentos, toda a vez que Mariana foge ao seu comportamento esperado).

Evidencia-se ainda mais profundamente a ‘cegueira’ de Coutinho ao este descrever os atributos, primeiramente mentais, depois físicos de Mariana. Quanto a sua educação, Coutinho

aponta que fora mais completa “do que outras mulheres em igual caso” (Ibid., p. 773), isto é, do que outras escravas. Mariana aprendeu a costurar, a ler e escrever e até mesmo francês; ela, concede Coutinho, “tinha inteligência natural” (Ibid., p. 773), o que facilitou seu aprendizado. Porém, ele também logo acrescenta que “[o] desenvolvimento do seu espírito não prejudicava o desenvolvimento de seus encantos” (Ibid., p. 773), como se o contrário fosse uma possibilidade indesejada à qual se arriscaria a mulher que persegue o desenvolvimento de suas faculdades mentais, algo fora de seu elemento ‘natural’, a beleza corporal, ou seja, pura aparência, segundo a visão patriarcal de Coutinho. De fato, Coutinho demora-se mais longa e minuciosamente, e com um discurso mais entusiasmado, ao descrever os atributos físicos de Mariana:

Mariana aos 18 anos era o tipo mais completo da sua raça. Sentia-se-lhe o fogo através da tez morena do rosto, fogo inquieto e vivaz que lhe rompia dos olhos negros e rasgados. Tinha os cabelos naturalmente encaracolados e curtos. Talhe esbelto e elegante, colo voluptuoso, pé pequeno e mãos de senhora. É impossível que eu esteja a idealizar esta criatura que no entanto me desapareceu dos olhos; mas não estarei muito longe da verdade (Ibid., p. 773).

Coutinho, em sua descrição, preocupa-se em acentuar a bela aparência de Mariana, e nisto vê resumir-se todo o seu ser. Sua observação final, porém, trai com ironia a concepção que tem dela: “não estarei muito longe da verdade”, assegura seus amigos, enquanto que vimos a saber por sua narrativa que sempre esteve longe dela, nunca de fato compreendeu o amor de Mariana, mesmo tantos anos após o ocorrido. Tal estreita visão transparece no descaso de Coutinho a certo conselho de seu tio. Este lhe diz “Por que diabo está tua mãe guardando aqui em casa esta flor peregrina? A rapariga precisa de tomar ar” (Ibid., p. 773), notando que Mariana, especial como era (“apreciada por todos quantos iam a nossa casa, homens e senhoras” [Ibid., p. 773]), necessitava de liberdade para florescer plenamente. Coutinho, porém, é incapaz de compreender essa observação (“esta preocupação do tio nunca me passou pela cabeça” [Ibid., p. 774]), e a razão disto remonta à condição particular de Mariana: “acostumado a ver Mariana bem tratada parecia-me ver nela uma pessoa da família, e além disso, ser-me-ia doloroso contribuir para causar tristeza a minha mãe” (Ibid., p. 774). O tratamento virtualmente bondoso que Mariana recebe, assim, prende-a na aparência de liberdade, entre a liberdade efetiva, que seu senhor julga dispensável, e a realidade de sua condição cativa, que permanece mascarada.

Quando Mariana apaixonou-se por Coutinho, e quando este busca desvendar a mudança de seu comportamento e arrancar-lhe o segredo da pessoa que ela ama, a lacuna entre as palavras e as ações de Coutinho se mostra tanto mais distante. Primeiramente, ao pressioná-la para que revele o motivo de sua mudança de humor, Coutinho assegura-a de que “tu és estimada por todos cá de casa. Se gostas de alguém poderás ser feliz com ele porque ninguém te oporá obstáculos aos teus desejos” (Ibid., p. 775-776); esta garantia, no entanto, permanece apenas palavras, pois é ele próprio, Coutinho, quem opõe um obstáculo à realização do amor de Mariana, julgando-o mesmo inconcebível. Mariana responde afirmando que “Não se trata de amores, que eu não posso ter amores. Sou uma simples escrava” (Ibid., p. 776), e Coutinho, “Escrava, é verdade, mas escrava quase senhora. És tratada aqui como filha da casa. Esqueces esses benefícios?” (Ibid., p. 776). Coutinho lembra-a de que ela possui uma posição especial, é “quase senhora”, e vê nisso um privilégio. Mariana, porém, reconhece nessa situação o oposto: “Não os esqueço [os benefícios]; mas tenho grande pena em havê-los recebido” (Ibid., p. 776). Ela sabe que a realidade de sua condição não é melhorada pelo semblante de um tratamento mais humano; antes, justamente por ser colocada nessa posição, entre escrava e senhora, sua condição torna-se mais penosa, pois, próxima a Coutinho, passou a amá-lo, mas sendo ainda escrava, isto lhe é impedido. Coutinho, por sua vez, ao ouvir as palavras sinceras de Mariana, como parecia desejar ouvir, chama-a de “insolente” (Ibid., p. 776), revelando com isso a verdade que, apesar de quase, Mariana não é nenhuma senhora. Isso, entretanto, ela sabe: “eu sei o que sou” (Ibid., p. 776), diz em seguida, retornando à “humildade natural” (Ibid., p. 776), segundo o protagonista, de sua condição de escrava. Este é o paradoxo de Mariana; como Coutinho diz a seguir, “compreendi que alguma grande preocupação teria feito com que Mariana esquecesse por instantes a sua condição” (Ibid., p. 776): é-se esperado, pelo tratamento dispensado, que ela esqueça sua condição, mas ao mesmo tempo espera-se dela que não a esqueça jamais.

Percebemos, assim, que Coutinho é um homem de retórica vazia. Certo de que Mariana amava a alguém, declara:

Parecia-me evidente que ela sentia alguma coisa por alguém, e ao mesmo tempo que o sentia, certa elevação e nobreza. Tais sentimentos contrastavam com a fatalidade da sua condição social. Que seria uma paixão daquela pobre escrava educada com mimos de senhora? Refleti longamente nisto tudo, e concebi um projeto romântico: obter a confissão franca de Mariana e, no caso em que se tratasse de um amor que a pudesse tornar feliz, pedir a minha mãe a liberdade da escrava (Ibid., p. 776).

Seu projeto é romântico, tanto quanto seu discurso e seu teor abolicionista: mas é isto apenas, retórica ‘romântica’, não ‘realista’ (mais para Alencar que Machado), que se emociona com a imagem de uma escrava nobremente apaixonada, mas que não se comove com o sofrimento de sua condição imposta. Além disso, ao ouvir de Josefa que ela provavelmente estaria apaixonada por ele, Coutinho reverte todo o seu discurso humanitário e acha-se ultrajado pela arrogância de tal sentimento em uma escrava (‘quase senhora’): “Que seja eu o querido de Mariana? perguntei-lhe com um riso de mofa e incredulidade. Estás louca, Josefa. Pois ela atrever-se-ia!...” (Ibid., p. 777). Mas a despeito do desprazer com que cogita a ideia de que Mariana o ame, ainda assim Coutinho se deleita com o sentimento que lhe é devotado, e passa a interessar-se por ela simplesmente como forma de saciar-lhe a vaidade:

apesar de não competir de modo nenhum os sentimentos de Mariana, entrei a olhar para ela com outros olhos. A rapariga tornara-se interessante para mim, e qualquer que seja a condição de uma mulher, há sempre dentro de nós um fundo de vaidade que se lisonjeia com a afeição que ela nos vote (Ibid., p. 777-778).

E ainda, com a frialdade de seu egoísmo, diz em outro momento, “A situação da pobre rapariga interessara-me bastante, o que era natural, sendo eu a causa indireta daquela dor profunda” (Ibid., p. 779).

Quando Mariana foge, porém, são esquecidas todas as aparências humanitárias e a família recorda qual é a sua real condição. Coutinho declara, “devemos fazer esforços para capturá-la, e uma vez restituída à casa, colocá-la na situação verdadeira do cativo” (Ibid., p. 778), e, logo à frente, “eu não fazia romance; ia simplesmente em cata de uma fugitiva” (Ibid., p. 778). Ao encontrá-la, até mesmo reverte-lhe o estatuto de ‘quase senhora’: “são os resultados da educação que minha mãe te deu. Já te supões senhora e livre. Pois enganas-te” (Ibid., p. 778). A contradição entre aparência e realidade atinge o paroxismo quando Coutinho encontra Mariana e descreve perfeitamente sua condição paradoxal: “por que saíste de casa, onde eras tão bem tratada, e donde não tinhas o direito de sair, porque és cativa?” (Ibid., p. 778). Mariana, por mais irreconciliáveis que sejam as duas facetas de sua condição, não deve esquecer que é bem tratada, nem que é cativa, deve aparentar gratidão mesmo diante da realidade de sua situação ingrata.

Após relatar a segunda fuga de Mariana e seu suicídio, Coutinho conclui sua história:

Tal foi, meus amigos, este incidente da minha vida. Creio que posso dizer ainda hoje que todas as mulheres de quem tenho sido amado, nenhuma me amou mais do que aquela. Sem alimentar-se de nenhuma esperança, entregou-se alegremente ao fogo do martírio; amor obscuro, silencioso, desesperado, inspirando o riso ou a indignação, mas no fundo, amor imenso e profundo, sincero e inalterável (Ibid., p. 783).

A despeito da patente vaidade que motiva sua descrição do amor de Mariana, Coutinho ainda é capaz de, por um instante, reconhecer sua grandeza e a tragédia da morte daquela que o amou tão profundamente. Mas o desfecho do conto, com o retorno da voz de Macedo, desmantela com ironia, e com a vitória da aparência agradável sobre a realidade desconfortante, qualquer semblante de humanidade que Coutinho possa ter afinal atingido:

Coutinho concluiu assim a sua narração, que foi ouvida com tristeza por todos nós. Mas daí a pouco saíamos pela Rua do Ouvidor fora, examinando os pés das damas que desciam dos carros, e fazendo a esse respeito mil reflexões mais ou menos engraçadas e oportunas. Duas horas de conversa tinha-nos restituído a mocidade (Ibid., p. 783).

A tragédia da escrava foi por um instante capaz de tocar os corações daqueles quatro homens, mas sem efeito duradouro. A leviandade prevalece e logo esquecem o lado feio do mundo, recorrendo a prazeres vazios que lhes apagam todas as marcas de tristeza e lhes restituem a aparência da mocidade.

CONCLUSÃO

Em ‘Mariana’, conto e personagem, vêm a lume as contradições da sociedade brasileira do século XIX, presa ainda, por um lado, à sua herança escravagista e, por outro, desejosa de absorver (e exibir) as transformações progressistas do século. A crueldade sobre a qual se baseia essa sociedade é, para isso, velada sob aparências de humanitarismo, ‘para inglês ver’, mas permanece ainda inalterada em sua essência. Mariana, concluímos, se encontra no cruzamento dessa contradição, como o fato de ser mulata tão bem simboliza: está entre branca e negra, entre livre e cativa, sem ser (e sem ter a permissão de ser) completamente um ou outro, e sem ter meio de solucionar o paradoxo que encarna, para o qual resta apenas o suicídio.

4. Bibliografia

ASSIS, Machado de. 'Mariana'. In: _____. *Machado de Assis: obra completa*. Vol. II. (Org. Afrânio Coutinho). Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 1994, pp. 771-783.